

---

## CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM *MAINA MENDES* DE MARIA VELHO DA COSTA

Adriana Monfardini\*

O presente ensaio constitui um recorte do projeto de pesquisa intitulado “História e Construção da Identidade em *Maina Mendes* de Maria Velho da Costa”. O objetivo geral do referido projeto é observar como se processa a construção da identidade em **Maina Mendes**. Neste ensaio, após uma rápida exposição acerca de alguns dados referentes à autora e à obra estudada, abordaremos algumas questões relacionadas à identidade, buscando recuperar alguns conceitos que serão importantes para o estudo proposto.

Maria Velho da Costa é hoje um dos nomes de referência na Literatura Portuguesa. Tendo estreado na vida literária em 1966, com o livro de contos intitulado **O Lugar Comum**, obteve pleno reconhecimento da crítica com **Maina Mendes** (1969), romance de sua consagração como escritora. Com uma escrita marcada pelo experimentalismo lingüístico, em **Maina Mendes** a autora explora a temática feminina, tema explorado também em outras obras, como **Novas Cartas Portuguesas** (de 1972, com Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta) e **Casas Pardas** (1977). Sua obra, bastante eclética (incluindo, além de romances e contos, crônicas, poesia e teatro), tem sido objeto de vários estudos, e vem sendo amplamente reconhecida e premiada pela crítica.

**Maina Mendes** apresenta a trajetória da personagem homônima desde sua infância até a velhice, englobando três gerações: a dela própria, a do filho e a da neta. O romance se estrutura em três grandes partes, cada uma configurando uma geração: a primeira, intitulada “A Mudez”, focaliza a vida de Maina Mendes; a segunda, intitulada “O Varão”, centraliza-se em seu filho Fernando Mendes; e a terceira intitulada “Vaga”, gira em torno da neta Matilde. Cada uma dessas partes subdivide-se em pequenas seções, todas antecedidas por epígrafes. Essas epígrafes são, na maioria, trechos de poemas de autores diversos e têm a função de antecipar algum aspecto de cada seção.

A primeira parte é a mais heterogênea e é dividida em doze seções. A categoria do narrador sofre diversas alterações no decorrer dessa seção; muitas personagens aparecem

---

ativamente na história e observam-se diferentes pontos de vista. A personagem central é Maina Mendes, mas na maior parte do tempo ela é apenas enunciada por um narrador em terceira pessoa, e somente em dois momentos sua voz se faz ouvir de forma direta.

A segunda parte é mais homogênea, uma vez que se centraliza na enunciação de Fernando Mendes. A personagem fala em primeira pessoa a um interlocutor presente. Todas as demais figuras da história aparecem como personagens de seu discurso, que é todo uma rememoração do passado. Essa parte também é dividida em doze seções.

A terceira parte, centralizada em Matilde, é a mais curta, subdividindo-se em apenas duas seções. É importante salientar o caráter complexo e fragmentário da obra, que se evidencia não apenas nas subdivisões marcadas, mas também nas não marcadas explicitamente, nas intercalações de vozes e de temas que se confundem na trama narrativa.

Percebe-se, assim, que **Maina Mendes** é um romance extremamente complexo, não só do ponto de vista estrutural, mas também no que tange a questões sócio-históricas e identitárias, pois se observa nesse texto um emaranhado de vozes e “lugares” sociais que se cruzam e se chocam num constante conflito. É nesse espaço conflituoso e heterogêneo que se procura construir uma identidade de mulher, mas não só isso. Em **Maina Mendes** o problema da identidade feminina se confunde com a questão da identidade nacional. Nesse sentido, a obra pode ser entendida como a busca do lugar e da voz de uma mulher pertencente a uma nação que, por seu turno, também procura ocupar o seu lugar e se fazer ouvir.

Vários autores apontam um sentimento de inferioridade da consciência portuguesa em relação ao centro europeu (França, Alemanha e Inglaterra principalmente), “centro” aqui não entendido como centro geográfico, mas como centro de irradiação sobretudo cultural. Maria Isabel Barreno salienta esse traço do imaginário do povo português, que tende a dimensionar as qualidades das outras culturas, minimizar ou até mesmo ignorar as mazelas alheias, ao mesmo tempo em que subestima sua própria capacidade criadora, superdimensionando, não suas qualidades, mas seus defeitos. A cultura portuguesa é vista, assim, não apenas externamente (pelas outras culturas), mas também internamente (pelos próprios portugueses) como uma cultura inferior, rudimentar, primitiva, sempre devedora à alta cultura europeia. Embora participando

---

marginalizado dentro de seu próprio espaço cultural, que não é sentido propriamente como *seu*, mas antes como *de outro*, superior a si.

Eduardo Lourenço, em 1978, ano da publicação de **O labirinto da saudade**, já denunciava o caráter ambíguo de Portugal, que se queria grande sem realmente acreditar sê-lo. O autor aponta alguns fatores que vincaram a consciência portuguesa, como, por exemplo, o caráter mítico das histórias sobre o nascimento de Portugal, alicerçadas no divino, no sobrenatural, e não num projeto humano, num processo historicamente necessário.

A mistura de fanfarronice e humildade, de imprevidência moura e confiança sebastianista, de inconsciência alegre e negro presságio, que constitui o fundo caráter português, está ligada a esse ato sem história que é para tudo quanto nasce o tempo do seu nascimento. Através de mitologias diversas, esse ato sempre apareceu, e com razão, como da ordem do injustificável, do incrível, do milagroso, ou, num resumo de tudo isso, do providencial. (Lourenço, 2000, p. 25)

Outro fator salientado por Lourenço é a consciência (a despeito do sentimento de predestinação) da subalternidade intrínseca do povo português. A crença, marcadamente portuguesa, no divino, no imponderável reforça o sentimento de incapacidade histórica do povo: é como se tudo dependesse de uma ordem superior e não de ações humanas concretas, o que se reflete na inércia e na submissão portuguesa em relação à cultura europeia central. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se apega a um passado grandioso (grandiosidade fictícia, irreal, como bem salienta Lourenço), aceita a inércia presente e sua natural marginalidade e dependência. O próprio sebastianismo é um meio de conferir a outro a responsabilidade pela nação, um meio de depositar numa ordem superior as esperanças de um povo, justificando assim a inércia, a infundável espera portuguesa no amanhã, que deverá ser novamente grandioso como o passado. A supervalorização do passado e a esperança no futuro só vêm mascarar a desvalorização de um presente mesquinho, um presente sempre atrasado em relação ao do outro. O apego ao passado e ao futuro irrealis acaba, desse modo, por obscurecer as possibilidades reais do presente.

Essas questões estão representadas no romance principalmente pela configuração de consciências

*fragmentum*, nº 8. Laboratório Corpus: UFSM, 2004.

---

dísparos. Veja-se, a título de exemplo, a passagem que faz referência às guerras coloniais, onde, por um lado, tem-se a glorificação dos feitos bélicos, e por outro, o espanto frente ao absurdo da guerra. O horror diante dessa realidade contrasta com o sentimento imperialista.

A situação paradoxal da cultura portuguesa – europeia e ao mesmo tempo primitiva em relação a esta – pode encontrar sua justificativa na relação de Portugal com suas colônias: em relação às colônias, Portugal é um centro europeu; porém, dentro desse centro, a cultura portuguesa ocupa uma situação de marginalidade. O espaço ocupado por Portugal configura-se, assim, num espaço ambíguo.

Essa ambigüidade pode ser observada não só na relação com a exterioridade mas também no espaço interno da nação portuguesa. A confluência de elementos oriundos de espaços distintos e aparentemente inconciliáveis confere à nação portuguesa o seu caráter heterogêneo. Isso foi viabilizado sobretudo por essa capacidade portuguesa de assimilação e incorporação de culturas outras, a tal ponto que se cria uma indivisibilidade entre o que é próprio e o que é alheio. Entretanto, como toda a heterogeneidade, a portuguesa não se opera sem conflitos internos, uma vez que o próprio espaço total da nação é constituído de espaços menores que se confrontam e se procuram legitimar, para, a partir da afirmação da identidade desses círculos menores, conformar a identidade total da nação.

Em nossa análise, partimos do pressuposto de que a construção da identidade em **Maina Mendes** se opera através de um processo de apropriação de espaços e valorização de lugares e discursos marginalizados numa relação de conflito com lugares e discursos legitimados, evidenciando a heterogeneidade que caracteriza a nação portuguesa, bem como o próprio indivíduo. Isso está representado no romance pelo modo de organização do texto - dividido em partes em que diferentes vozes narrativas tomam a palavra; pelos diferentes códigos lingüísticos utilizados; pelas diferentes temáticas abordadas; pelo caráter fragmentário e heterogêneo do próprio texto; entre outros aspectos.

Em **Maina Mendes** se configura um discurso que procura se afirmar a partir da margem: é a voz silenciada da mulher que se impõe e o faz do espaço ambíguo que é Portugal – periférico em relação à Europa, central em relação às antigas colônias. É essa

---

dupla marginalidade que Maina Mendes tenta superar, buscando construir uma identidade de mulher portuguesa.

Para Eduardo Lourenço, **Maina Mendes** constitui a “reivindicação de uma palavra total em boca de mulher”. No cenário das Letras Portuguesas a “palavra feminina” só passa a ter ressonância em princípios dos anos 50, quando se instaura uma nova ordem de discurso,

uma ordem feminina com a sua legalidade própria, a sua audácia, os seus valores, a sua fala cada vez mais centrada na escuta de uma diferença assumida como signo do mundo. É a primeira etapa na construção de um universo autônomo que mais tarde dispensará como norma *o outro* que desde sempre lhe permitiu existir. (p. 11-12)

A situação da mulher portuguesa serve, assim, de metáfora das condições objetivas da própria nação, carente também de uma posição autônoma em relação ao seu centro. Para se afirmar como voz autônoma, a voz feminina desprende-se do discurso legitimado e incorpora o discurso dos marginalizados. É assim que temos como heroína do romance uma louca cuja companheira fiel e inseparável é nada menos que uma cozinheira, uma representante das classes subalternas. A própria valorização de elementos tradicionalmente marginalizados aponta para a possibilidade de revalorização da cultura nacional em meio a um processo de globalização e homogeneização cultural.

O discurso do louco, das camadas menos valorizadas da sociedade, os elementos da cultura popular (bruxaria) surgem, assim, como “trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos” (Castells, 1999, p. 24). No processo de construção da identidade, em **Maina Mendes**, subvertem-se as instâncias legitimadoras pela instauração desses espaços de resistência. Este jogo de forças opostas caracteriza o que Bhabha (1998, p. 209) chama de “nação dividida no interior dela própria”:

O problema não é simplesmente a “individualidade” da nação em oposição à alteridade de outras nações. Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. A nação barrada

---

*fragmentum*, nº 8. Laboratório Corpus: UFSM, 2004.

---

Ela/Própria [It/Self], alienada de sua eterna autogeração, torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagonicas e por locais tensos de diferença cultural. (p. 209-210)

Em **Maina Mendes**, as partes dessa “nação dividida” articulam-se para formar um todo heterogêneo em seu interior. A personagem central do romance, incorporando o conflito interno e externo como constitutivo de sua própria identidade, simboliza, em sua busca identitária, o conflito patente no processo de construção da identidade da própria nação.

Zilá Bernd, em estudo acerca das questões identitárias, salienta que a busca da definição identitária é “indissociável da narrativa e conseqüentemente da literatura” (Bernd, 1992, p. 17). Nesse sentido, Bernd (1992, p. 13-14) nos fala das literaturas dos grupos discriminados, no interior das quais “o sujeito emergente procura reapropriar-se de um espaço existencial. [...] O essencial dessas literaturas é precisamente sua força de resgatar as formas onde subsistem as culturas de resistência, matéria-prima da identidade cultural”.

É importante salientar que a busca identitária, aqui, é entendida como *processo* (Bernd, 1992). Para Bernd, a construção da identidade deve ser vista “como formação descontínua que se constrói através de sucessivos processos de reterritorialização e desterritorialização” (Bernd, 1992, p. 10). A noção de “território” como o “conjunto de representações que um indivíduo ou um grupo tem de si próprio” é fundamental para o caso em estudo, em que o “território” português é sempre “dentro” e “fora”, ou mais especificamente a linha divisória entre esses dois espaços: o homem português entre o europeu e o primitivo.

São evidentes em **Maina Mendes** as marcas da heterogeneidade sócio-cultural que caracteriza a nação portuguesa. Para Boaventura de Souza Santos (2001), Portugal é um país semiperiférico que oscila entre dois mundos – a Europa e as antigas colônias –, não se identificando nem se diferenciando completamente de nenhum dos dois. A heterogeneidade social e cultural, a coexistência de elementos pré-modernos, modernos e pós-modernos no interior do país promovem uma tensão interna que se evidencia em vários setores. Ainda segundo Santos,

---

esse caráter semiperiférico, essa apropriação de elementos de origem tão diversa foram fatores decisivos para a formação de uma identidade nacional caracterizada pela “cultura de fronteira”.

Nos termos de minha hipótese de trabalho, podemos assim dizer que não existe uma cultura portuguesa, existe antes uma forma cultural portuguesa: a fronteira, o estar na fronteira. [...] A zona fronteiriça é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco susceptíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis [...]. (p. 152-153)

Abordando a questão da identidade, Manuel Castells (1999) afirma que a construção da identidade envolve os processos de autoconstrução e individuação, constituindo fonte de significado para os atores sociais. Para o autor “a construção social da identidade sempre ocorre num contexto marcado por relações de poder” (Castells, 1999, p. 24). A busca identitária, entendida como processo em permanente movimento de construção/desconstrução, cria, conforme Bernd (1992), “espaços dialógicos”, “integrando a trama discursiva sem paralisá-la”.

Nesta última acepção, concebido como continuidade, como síntese inacabada, o conceito de identidade se sustenta logicamente e se revela extremamente útil para iluminar a leitura de textos que, produzidos em situação de cruzamento e de dominação cultural, procuram reencontrar ou redefinir seu território. (p. 16)

Em **Maina Mendes**, a dominação secular da mulher se confunde com a dominação cultural imposta pelos grandes centros da cultura, e a sua libertação e autonomia em relação aos poderes legitimados não se concretiza sem conflito. No universo configurado em **Maina Mendes** “estão evidentes a trama das relações sociais, o jogo das forças sociais, as condições da alienação e as possibilidades da emancipação” (Ianni, 2000, p. 135). A trajetória da heroína Maina Mendes representa a busca obstinada dessa emancipação, emancipação não só da mulher como também da nação e da cultura portuguesa.

---

## NOTA

\* Aluna do Curso de Pós-Graduação em Letras – Nível Mestrado – da Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Laboratório *Corpus*. Bolsista da CAPES.

## BIBLIOGRAFIA

- BARRENO, Maria Isabel. **Um imaginário europeu**. Lisboa: Caminho, 2000.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- BHABHA, Homi, K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. vol. 2. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Maria Velho. **Maina Mendes**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Moraes, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- IANNI, Octavio. Cidade e modernidade. In: **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**. Lisboa: Gradiva, 2000.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: COSTA, Maria Velho. **Maina Mendes**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Moraes, 1977.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. **História da literatura portuguesa**. 17. ed. Porto: Porto, 2001.



---

## NÚMEROS DISPONÍVEIS

### *Fragmentum 1*

#### **História, memória e mito no *Romanceiro da Inconfidência***

Sílvia Carneiro Lobato Paraense

### *Fragmentum 2*

#### **Memória da escrita e escrita da memória**

Marcia Cristina Corrêa

### *Fragmentum 3*

#### **Questões sobre identidade e diferença: tensão entre o mesmo e o outro**

Vera Lúcia Pires

### *Fragmentum 4*

#### **Literatura, história e memória em *Baú de ossos***

Pedro Brum Santos

### *Fragmentum 5*

#### **A formação do Pós-graduação em Letras no Rio Grande do Sul**

Entrevista com Regina Zilberman

Sob a Coordenação de Amanda Eloina Scherer

### *Fragmentum 6*

#### **Uma trajetória em busca do saber. Uma referência na história das idéias lingüísticas no RS**

Entrevista com Leonor Scliar Cabral

Sob a Coordenação de Amanda Scherer

### *Fragmentum 7*

#### **História das Idéias X História de Vida**

Entrevista Com Eni Pulcinelli Orlandi

Sob a Coordenação de Amanda Scherer

---

*Fragmentum 8*

**Vozes da narrativa contemporânea**

Sob a Coordenação de Sílvia Paraense

*Fragmentum 9*

**Da Agenda Azul ao romance de Saramago: os manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa**

Gerson Luiz Roani

A fim de obter maiores informações, entre em contato através do e-mail: [corpus@www.ufsm.br](mailto:corpus@www.ufsm.br).